

## Transição para a parentalidade: A Grounded Theory na construção de uma teoria explicativa de Enfermagem

Cristina Martins<sup>1</sup>, Wilson Abreu<sup>2</sup>, Maria do Céu Figueiredo<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Escola Superior de Enfermagem, Universidade do Minho, Portugal. [cmartins@ese.uminho.pt](mailto:cmartins@ese.uminho.pt)

<sup>2</sup> Escola Superior de Enfermagem do Porto, Portugal. [wjabreu@esenf.pt](mailto:wjabreu@esenf.pt); [ceu@esenf.pt](mailto:ceu@esenf.pt)

**Resumo.** A transição para a parentalidade exige profundas transformações e adaptações na vida dos Pais, suscetíveis de provocar desequilíbrio e vulnerabilidade nos próprios e ter implicações no desenvolvimento das crianças. Este estudo procurou compreender como se desenvolve a transição para o exercício da parentalidade durante o primeiro ano de vida da criança. Realizado com Grounded Theory; entrevistas semiestruturadas (total de 75 entrevistas), complementadas com observação, em cinco momentos distintos. *Ser pai, ser mãe: um processo em construção na interação* é a categoria central do modelo teórico explicativo encontrado, que representa a emergência de uma força que possibilita a transformação pessoal dos Pais, motivada para o cuidado da criança e a renovação de forças necessárias para a luta diária que representa a parentalidade. O estudo amplia a compreensão do fenómeno parentalidade e demonstra a necessidade de refletir sobre as intervenções na prática de cuidados de saúde primários.

**Palavras-chave:** parentalidade; transição; teoria fundamentada; enfermagem.

### The transition to parenthood: Constructing an explanatory theory with Grounded Theory

**Abstract.** The transition to parenthood demands deep transformation and adaptation in the parents' lives. This is likely to cause imbalance and vulnerability to themselves and to have implications in the child's development. This study aimed to understand how the transition to parenthood unfolds during the child's first year. Accomplished using the Grounded Theory; semi-structured interviews (total of 75 interviews), complemented with observation (total of 43 visits), at five different moments. *Being a father, being a mother: an interaction-based process in the making* is the core category of the explanatory theoretical model found. This represents the emergence of a force that enables the parent's personal transformation, motivated to child care and the restore of the necessary strength for the daily struggle which parenthood represents. The study amplifies the understanding of parenthood as a phenomenon and demonstrates a need to reflect on the interventions in practice at primary health care services.

**Keywords:** parenting; grounded theory; nursing.

## 1 Introdução

A parentalidade marca a passagem para uma nova fase do ciclo de vida familiar, envolvendo a complexificação do sistema familiar, com conseqüente redefinição de papéis, tarefas e projetos de vida. Mesmo sendo um acontecimento normativo, comum e habitualmente esperado e desejado, constitui-se como uma das mais dramáticas e intensas transições que o sistema familiar enfrenta (Ngai & Ngu, 2013; Katz-Wise, Priess, & Hyde, 2010), suscetível de produzir descompensação e aquisição de vulnerabilidades em conseqüência dos pais, face às múltiplas mudanças requeridas, poderem não apresentar respostas adaptativas congruentes, com preservação da sua capacidade de autodeterminação e gestão eficaz das suas necessidades, constituindo um risco para a sua saúde e bem-estar, assim como para o saudável desenvolvimento físico e emocional da criança (Hidalgo & Menéndez, 2009; Ngai & Chan, 2011).

A investigação que vindo a ser realizada sobre a transição para a parentalidade tem estado circunscrita aos comportamentos parentais e aos processos que os regulam, expondo a temática em torno de atributos da criança (como idade, sexo e temperamento), dos progenitores (como género e qualidade da relação conjugal) e de outros determinantes externos que a condicionam, sobretudo o trabalho remunerado, suporte e contexto. Ao ser circunscrita, não tem promovido a compreensão da natureza complexa do fenómeno e, particularmente em Enfermagem, tem estado focalizada na parentalidade de crianças doentes, com limitações físicas ou de desenvolvimento.

Considerando esta problemática de grande interesse e premência para a enfermagem, cujo foco principal da disciplina se centra na facilitação dos processos de transição, tendo em vista o bem-estar (Meleis, 2010; Meleis et al., 2000), este artigo procura dar resposta à questão de investigação “Como se desenvolve a transição para o exercício da parentalidade durante o primeiro ano de vida da criança?”, tendo por finalidade o desenvolvimento de uma teoria de médio alcance em enfermagem que contribua para melhorar a prática dos cuidados de enfermagem prestados à família nesta transição. Pretendemos compreender a natureza desta transição; identificar as condições pessoais, sociais e comunitárias em que ela ocorre e compreender a natureza da sua ação; e, ainda, compreender os padrões de resposta dos Pais durante o primeiro ano de vida da criança.

## 2 Metodologia

A parentalidade, pela natureza dinâmica e complexa do processo de transição que o fenómeno encerra, ditou a nossa opção metodológica pelo paradigma interpretativo de investigação, que atende à subjetividade humana, apenas acessível por meio de métodos qualitativos. Estes respondem a questões particulares, preocupando-se com um nível de realidade não mensurável, ou seja, com o universo de significados, preocupações, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes que se escondem por detrás das relações e dos fenómenos (Corbin & Strauss, 2014).

Como referencial metodológico, optámos pela Grounded Theory, assente em pressupostos das abordagens qualitativas e da corrente teórica do interacionismo simbólico, que evidencia a mediação da interação humana pelo uso de símbolos e significados. O seu enfoque teórico é de grande utilidade para o conhecimento, em profundidade, do processo de adaptação/transição. Permite construir teoria a partir dos dados, focalizada não nos atores individuais, mas nos padrões de ação e interação decorrentes das modificações nas condições internas e externas do fenómeno, sendo uma metodologia especialmente adequada em situações de natureza psicossocial, como é o caso da transição para a parentalidade, que carecem de teorização e desenvolvimento de conhecimento acerca do seu processo e estrutura. O potencial da Grounded Theory para desocultar emaranhados detalhes dos fenómenos (sentimentos, processos de pensamento e emoções) difíceis de captar e compreender através de métodos de investigação mais clássicos (Corbin & Strauss, 2014) esteve também na génese da opção por esta metodologia de investigação.

A recolha de dados compreendeu cinco distintos momentos do processo de transição para a parentalidade (primeiros dias, 1º, 4º, 6º e 12º mês de vida da criança), que correspondem a idades-chave de vigilância infantil recomendadas pela Direção-Geral da Saúde. Na génese da opção pelo primeiro momento esteve a contiguidade ao nascimento do bebé, circunstância que baliza o início do exercício da parentalidade. Os subsequentes períodos foram selecionados por cursarem com distintas transformações desenvolvimentais das crianças, que impõem reformulações na forma como os Pais cuidam e interagem com elas e, conseqüentemente, experienciam a sua parentalidade.

Privilegiámos a entrevista semiestruturada, ainda que complementada com observação de momentos de interação familiar (casal, díade mãe-bebé/pai-bebé e tríade) e de práticas instrumentais de cuidados ao bebé, como técnica de recolha de informação. Em cada momento de

colheita de dados, realizámos 15 entrevistas, num total de 75, seguindo um encadeamento de entrevistas em separado ao pai e à mãe, sobre a experiência de parentalidade, e, por último, uma breve entrevista ao casal, para aclarar os processos relacionais entre os cônjuges. Todas as entrevistas foram gravadas, após obtenção do consentimento informado, livre e esclarecido dos participantes, e subseqüentemente transcritas pela própria investigadora, omitindo qualquer dado pessoal de identificação.

A observação da interação familiar decorreu em contactos prolongados com os participantes, durante 43 visitas às famílias, realizadas em diferentes dias e horários, incluindo, quer períodos diurnos (manhã e tarde) e noturnos, quer dias úteis e fins de semana, de modo a serem representativos. Este contacto em cada domicílio possibilitou a expansão e o aprofundamento dos dados oriundos das entrevistas, o esclarecimento de diferentes conceções dos participantes e da linguagem empregue nas narrativas das entrevistas, assim como, averiguar a congruência/incongruência entre o que verbalizavam e defendiam e o que praticavam no dia a dia, possibilitando-nos identificar tópicos a indagar em entrevistas posteriores.

Participaram no estudo 5 pais e 5 mães (casais), 4 dos quais primíparos e 1 múltiparo, com idades compreendidas entre os 26 e 33 anos e com filho nascido de termo e saudável (4 do sexo masculino e 1 do sexo feminino). O número de participantes não foi pré-determinado, mas o resultado da saturação teórica definida pela análise de dados. O acesso aos participantes foi facilitado pela nossa prévia participação no curso de preparação para a parentalidade que estes se encontravam a frequentar num centro de saúde da região norte de Portugal, a quem solicitámos autorização.

O processo de recolha de dados foi sendo documentado em diários de campo descritivos e reflexivos. Os descritivos, abarcavam referências sobre o ambiente físico, ocorrências, práticas, relações e conversas; os reflexivos, incluíam registos analíticos e interpretativos acerca das nossas próprias ideias, perceções, pensamentos, estratégias e reflexões que iam para além do observado, ouvido e sentido, ajudando-nos, ulteriormente, a aclarar dimensões do nosso objeto de estudo e a ajustar a nossa própria conduta no ambiente familiar, documentando o curso da investigação.

O tratamento e a análise dos dados cumpriram as etapas de codificação do corpus – codificação aberta, axial e seletiva – até à formulação de proposições teóricas, resultantes da análise das relações entre categorias, tendo sido realizados com recurso ao programa NVivo, versão 8.0. Este software proporcionou-nos uma exploração estruturada, sistemática e aprofundada dos dados, reduzindo o esforço e o tempo despendido nas tarefas operacionais que lhe estão subjacentes.

Com uma mente aberta, e após a realização das primeiras entrevistas, encetámos o processo de análise de dados. Procedemos a uma primeira leitura dos testemunhos e imputação de códigos a cada parágrafo, linha ou palavra, indagando-nos sobre o seu significado. Nesta primeira fase de análise, designada de codificação aberta, conseguimos nomear e rotular as categorias e as propriedades, estabelecer as suas dimensões e descobrir conceitos que esculpam categorias mais abstratas e reuniam um conjunto de outras categorias mais específicas.

À medida que introduzíamos novos dados e avançávamos na análise (codificação axial), fomos reformulando estas categorias de nível mais abstrato, adotando um constante e sistemático questionamento e comparação dos mesmos. A codificação axial envolveu interpelar o fenómeno em estudo, o porquê do fenómeno ter acontecido (suas causas), o contexto em que o fenómeno aconteceu, o que foi feito pelos participantes quando esse fenómeno aconteceu (estratégias), o que facilitou ou dificultou as ações/interações sobre esse fenómeno e quais as consequências dessa interação, seguindo o *Paradigm Model* de Corbin e Strauss (2014). Estas indagações possibilitaram conceber relações entre as categorias descobertas, eleger as mais relevantes e identificar as características (propriedades e dimensões) do fenómeno em estudo.

No decurso do processo de análise, e conforme a compreensão do fenómeno se ia consolidando, fomos modificando o modo de agrupar as categorias, assim como a sua nomeação e renomeação, o

que requereu uma ampla capacidade de abstração e criatividade para ascender a uma designação mais representativa dos conceitos que congregava, convertendo-se, então, em definitiva.

A busca pela identificação e compreensão da categoria central, que se assume como elo de agregação entre as categorias e configura a chave do problema no padrão de comportamento dos participantes sob investigação, caracterizou o nosso trabalho de codificação seletiva, última fase da análise de dados. Enquanto processo de integração e refinamento da teoria, esta etapa requereu aptidões em fazer recortes e selecionar o que realmente interessava para o desenvolvimento do modelo teórico representativo do fenómeno estudado, e envolveu operações de um maior nível de abstração. A categoria central *ser pai, ser mãe: um processo em construção na interação* só começou a emergir depois da análise comparativa constante com os dados, da interrogação persistente e do pensamento analítico intenso.

Acompanhando o processo analítico, fomos redigindo memorandos, que se mostraram indispensáveis na discussão de interrogações e preocupações metodológicas, na densificação das categorias e na integração inequívoca da teoria. Expuseram incertezas e indecisões sobre o rumo de alguns passos analíticos, o suficiente entendimento sobre a terminologia do método analítico, as denominações/rótulos dos conceitos e categorias e a sua exatidão em retratar o fenómeno em estudo, a generalidade ou pré-conceito na sua enunciação, a trasladação de alguma literatura produzida, o rigor do estudo e o criticismo sobre a teoria criada.

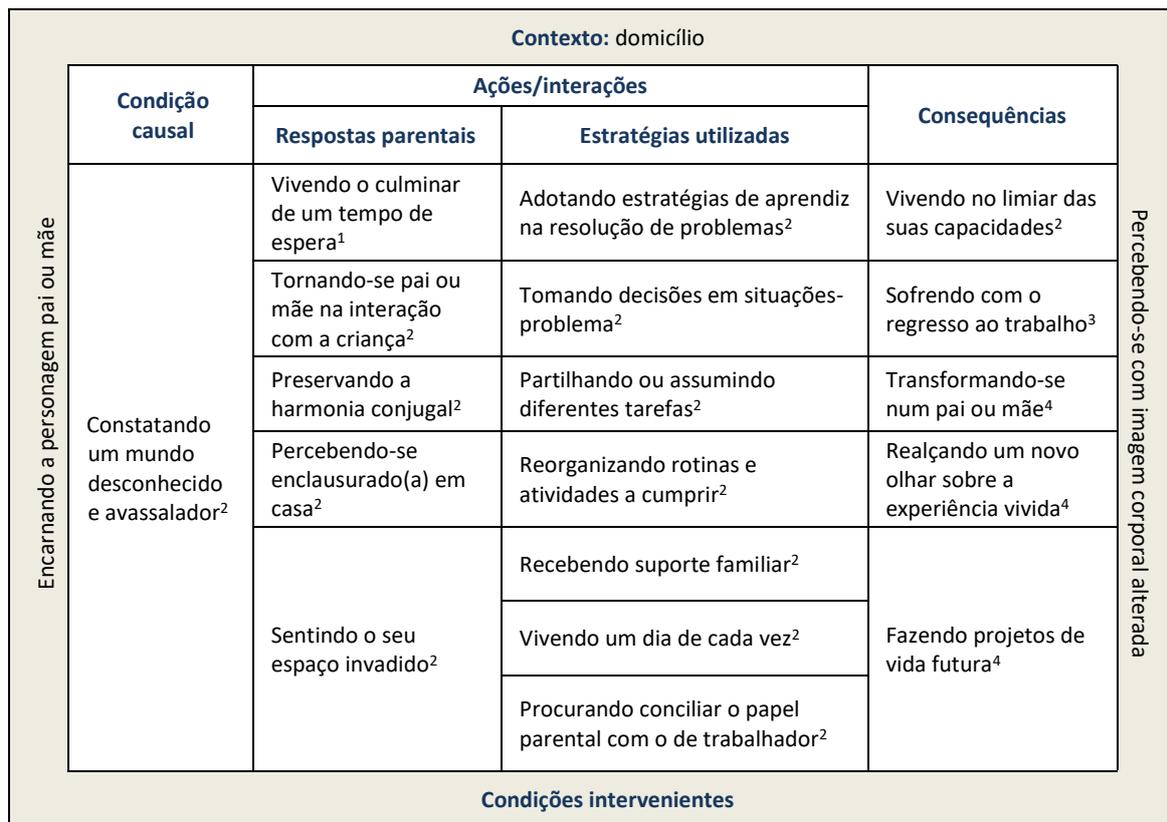
Analogamente, o progresso conceptual foi facilitado pela construção de diagramas elucidativos das ligações estabelecidas, que possibilitaram um afastamento analítico aos resultados que iam sendo edificados e debater com pessoas externas à investigação o conteúdo, coerência e congruência da codificação axial, dado que apenas um investigador esteve envolvido no processo de pesquisa.

Resumindo o processo decorrido, salientamos que paulatinamente fomos apreendendo o tipo de teoria que emergia. Os dados foram constantemente examinados e contrastados. Os temas emergiram dos dados e, por meio de maiores comparações, reuniram-se em categorias ou conceitos, agrupados numa teoria substantiva. A saturação de dados aconteceu quando, em cada etapa de codificação, era nula a descoberta de novos temas ou conceitos, conduzindo, por outro lado, ao encerramento da amostragem teórica. No desenvolvimento das categorias finais, tivemos necessidade de regressar várias vezes aos dados e nos certificarmos de que se apoiavam nos dados e encetavam ligações entre si. Procurámos que a recolha, codificação e análise dos dados fossem realizadas de modo simultâneo e recursivo, num processo evolutivo constante.

### 3 Resultados

Como resultados, apresentamos a teoria de médio alcance que emerge deste estudo, que evidencia o *ser pai, ser mãe* como um contínuo movimento de organização intra e interpessoal dos progenitores, que sobreleva a temporalidade da condição parental com uma reconstrução identitária. Espelha uma progressão que se verifica no exercício do próprio papel, quando os progenitores respondem aos desafios da parentalidade e transitam de uma fase de desconhecimento e desequilíbrio para uma fase de competência e bem-estar, refletindo a emergência de uma força que faculta essa transformação pessoal dos Pais, motivada para o cuidado da criança e o restabelecimento de forças necessárias para a jornada diária da parentalidade.

A categoria central que encapsula este processo de mudança experienciado por homens e mulheres quando de tornam Pais, *ser pai, ser mãe: um processo em construção na interação*, evidencia diferentes estádios de transição para a parentalidade. A aplicação do *Paradigm Model* (Corbin e Strauss, 2014), que ilustra o relacionamento das várias categorias com o fenómeno, enquanto categoria central, é demonstrado na figura 1.



..... Ser pai, ser mãe: um processo em construção na interação ■■■■■■▶

**Legenda:** <sup>1</sup>Categoria presente apenas no 1º mês de exercício da parentalidade. <sup>2</sup>Categoria presente ao longo de todo o 1º semestre de exercício da parentalidade. <sup>3</sup>Categoria presente apenas aos 4- 6 meses de exercício da parentalidade. <sup>4</sup>Categoria presente apenas no final do 1º ano de exercício da parentalidade.

Fig. 1. Diagrama do fenómeno em estudo.

O ponto de entrada neste processo de construção parental ocorre quando os Pais se apercebem do impacto do nascimento do filho nas suas vidas, inerente ao quanto não se sentem preparados para a experiência da parentalidade. Esta condição gera ruturas nos sistemas de significados e expõe as suas fragilidades, perante a premência de delinear uma outra realidade de vida, que transcende as suas capacidades de ação e não se afigura de imediata assimilação: *“Agora..., a adaptação também não é fácil! Uma pessoa está habituada a um tipo de vida, de repente uma criança... ahm... muda horários, não há horários para nada...”* (Clara). A magnitude da constatação é, assim, a **condição causal** para dar origem à iniciação de um processo de superação ou processo interativo.

As estratégias e as respostas parentais (**ações e interações**) são os pilares que escoram a experiência parental. As estratégias utilizadas pelos Pais para lidar com a parentalidade e resolver os problemas do seu *self* encerram componentes cognitivos (de aprendizagem, tomada de decisão), relacionais (suporte familiar) e operacionais (partilha de tarefas, reorganização de rotinas, conciliação de papéis). No que se reporta às respostas parentais, podemos dizer que toda a vivência de tornar-se um pai ou uma mãe é permeada por sentimentos que experienciam com o filho, com a família e com os amigos. Por seu lado, estes sentimentos são concebidos alicerçados em elementos que cada um, individualmente e como casal, aportam à experiência da parentalidade.

Como **consequências**, este é um processo vivido com muitas angústias, transformações e conflitos, em virtude do vasto número de exigências intrínsecas ao desempenho do papel parental, e é também trespassado por sentimentos de esgotamento, solidão e perda, que são experienciados muito antes dos benefícios se tornarem claros: *“ah!, houve algumas dificuldades, que não foram dificuldades, foram... surpresas, coisas novas que foram acontecendo e que... que... que por vezes deixam assim um bocadinho insegura, (...), e depois era o cansaço, não é?!, porque não dormia, depois durante o dia eu também não descansava porque não conseguia e... depois era a ansiedade, tudo junto, então o primeiro mês penso que foi muito difícil! (...) depois a partir daí, prontos, as coisas... aos bocadinhos foram...”* (Daniela). Passo a passo foram-se transformando num pai ou mãe, seguindo a sua própria trajetória. A acumulação de experiências vividas conduz, ao fim de 12 meses de transição, à construção de um saber operatório pluridimensional. Na forma como constroem a sua história, organizam o seu viver e reinterpretam a sua vida dão testemunho que a transição foi superada, com reconstrução da autoidentidade: *“comecei a ter uma visão sobre aquela... a outra vida de uma... de uma forma mais... mais adulta, (...), a gente ganha uma noção muito mais adulta e muito mais completa, (...), foi por isso também... que aquela saudade... desmesurada, aquela necessidade, aquele choque, também se desvaneceu por esta visão, não é?!”* (Ricardo).

Os fatores que afetam a progressão da transição no exercício da parentalidade, identificados como **condições intervenientes** neste fenómeno, une homens e mulheres a um contexto estrutural mais amplo da sua experiência, ostentado por um conjunto de significados, valores e crenças partilhados pela sociedade. Enquanto processo construído nesta interação, a parentalidade revela enfoques distintos consoante o género parental e coloca-se como uma problemática feminina, que perdura na atualidade, dado que ativa papéis de género e concorre para a maior sobrecarga das mulheres: *“Agora é natural, parece-me até a mim natural, que a mãe... faça todas essas tarefas com o miúdo mais vezes do que qualquer outra pessoa... perfeitamente natural... para mim... no caso dela precisar e sempre que ela precisar e pedir, estamos cá nós para...”* (Manuel).

#### 4 Discussão

Sobressai do modelo teórico apresentado neste estudo que o ajustamento parental ocorre ao longo do tempo, num sistema em interação permanente com múltiplos contextos interrelacionados, nomeadamente o microsistema (contexto e dinâmicas familiares), o exossistema (contexto social, incluindo família alargada e grupo de amigos) e o macrossistema (características sociais e culturais da sociedade envolvente).

Ao nível do microsistema, destaca-se que nem todos os aspetos da parentalidade são exclusivos de género, nem tampouco, todas as práticas parentais são igualmente exercidas por homens e mulheres. A natural condição de homem legitima a exígua cooperação paterna nos cuidados à criança.

Desde uma perspetiva histórica, e fazendo-se uma análise sobre o exercício da parentalidade, verificam-se transformações nas características dos papéis e das interações familiares no mundo ocidental, a partir do modelo patriarcal, no qual a figura masculina centraliza toda a estrutura e gestão familiar (Narvaz & Koller, 2006), até à eclética sociedade contemporânea, com novos arquétipos de família. A paternidade rompeu com o papel circunscrito à figura de provedor, passando a abarcar comportamentos e atitudes de maior envolvimento e contacto afetivo com os filhos (Sutter & Bucher-Maluschke, 2008; Wall & Arnold, 2007), articulados com novas expectativas, crenças e atitudes de cada género no contexto familiar (Brasileiro, Jablonski, & Féres-Carneiro, 2002). Há sinais que indiciam o desvanecer da fronteira que separa a paternidade da maternidade, com perspetivas de uma maior participação masculina nos cuidados dos filhos (Wall & Amâncio, 2007;

Miller, 2011), no entanto, diversas investigações longitudinais realizadas demonstram um incremento da diferenciação por género no decurso da transição para a parentalidade (Glabbe, Bean, & Vira, 2005; Katz-Wise, Priess, & Hyde, 2010), denunciando a décalage entre o discurso dos novos pais (ideologia de maior igualdade nos papéis familiares e na divisão de tarefas do que a dos seus antecessores) e a prática (Miller, 2011).

Para além de pais e mães exercerem papéis e funções específicos na família, também o modo como interagem com os seus filhos é distinto (Dessen & Oliveira, 2013; Wall & Arnold, 2007). Em consequência, mesmo que sem intencionalidade, as mães internalizam atitudes de uma maternidade intensiva e restringem a participação dos pais nas tarefas parentais, de modo a asseverar a superior performance que delas se espera (Johnston & Swanson, 2006). Efetivamente, desde o nascimento que reclamam para si o ónus de prover as necessidades do filho e zelar por ele. Vivem intensamente a maternidade e, não raras vezes, acabam por arredar os homens/pais da prestação de cuidados, alegando que não são detentores da mesma competência, sensibilidade e desenvoltura para o cuidar, assumindo-se, assim, como principais cuidadoras.

Este postulado é também consistente com a conceção construída acerca do desempenho do cônjuge como pai ou mãe. Para uma apreciação feminina favorável basta ser-se um pai presente, diligente, preocupado e carinhoso (Dessen & Oliveira, 2013); uma apreciação masculina similar resulta de atributos mais audazes, que encerram responsabilidade materna, doação e amor incondicional pelo filho, e anuem o mito de "boa mãe", indubitavelmente abnegada, exemplar e perfeita, ainda ativo no discurso contemporâneo (Johnston & Swanson, 2006).

Em acréscimo, é de destacar que a assunção do papel parental é menos evidente nos pais do que nas mães, enquanto não acontece o nascimento e a prestação integral de cuidados à criança, demonstrando como os homens perspetivam o momento de transição para a parentalidade de forma distinta das mulheres, em que tomar conhecimento da gravidez não os vincula, necessariamente, ao papel de pai, mesmo que a gestação tenha sido planeada e desejada. Ser pai nasce com o filho e no momento do parto (Longworth & Kingdon, 2011; Poh, Koh, & He, 2014), que concretiza que o bebé sai do imaginário masculino e passa a ser representado como vida concreta, confirmada pela possibilidade de tê-lo nos braços. Ser pai e sentir-se pai não são necessariamente condições sobreponíveis. Sentir-se pai apela a uma interiorização progressiva e gradual, que se encontra limitada enquanto não for assumida a totalidade dos cuidados ao bebé. No que tange a maternidade, a mulher encontra-se, desde a gravidez, num singular estado psíquico que a coloca numa condição de ampla sensibilidade e disponibilidade emocional para o bebé (Stern, 1997; Winnicott, 2013). Quando no puerpério, este estado, a que Stern chamou de constelação da maternidade, regula os seus comportamentos, emoções, temores, fantasias e anseios, e possibilita-lhe apreender e ajustar-se às necessidades do filho, de modo a prestar-lhe cuidados adequados.

Efetivamente, os pais precisam de oportunidades para estar a sós com a criança e ser seus cuidadores primários, sem a interferência da ajuda de terceiros, que coíbe a sua aprendizagem. Para isso, as mães precisam de aprender a dividir com os homens as responsabilidades do cuidar.

Neste período transicional, o suporte social é considerado como fator facilitador (Hidalgo & Menéndez, 2009; Ngai & Chan, 2011), desde que não perturbe a autonomia/independência dos Pais. Apesar de ser usual verificar-se uma maior proximidade e interação com pessoas significativas durante os períodos transacionais das famílias, os progenitores sentem-se perturbados quando "outros" procuram tomar o seu papel de pai/mãe ou tentam fazer parte do subsistema parental, interferindo na dinâmica da família e nas suas funções de pai/mãe. Em resposta, têm de reavaliar e reestruturar o relacionamento geracional, ajustando o equilíbrio entre apoio e autonomia. O ajustamento materno e paterno no contexto social, da relação com a família alargada e com os amigos, já tinha sido descrito, de modo similar, por Mendes (2007).

Destaca-se, igualmente, o regresso ao trabalho como um momento particularmente crítico da transição para a parentalidade, que abala a integridade da dinâmica familiar e desencadeia um intenso sofrimento materno. Em algumas mulheres, quando enceta a primeira experiência de separação do filho, provoca culpa (Nichols & Roux, 2004) e sensação de perda e preocupação com o bem-estar do bebé. A superação dos primeiros dias laborais é especialmente difícil, vinculando-se a uma carga emocional muito forte. Na opinião de Spiteri e Xuereb (2012), as mães experienciam um turbilhão de emoções de difícil gestão, que integra um espectro de sentimentos de preocupação, tristeza, pânico, medo, irritabilidade, ambiguidade, culpa e falta de controlo sobre a situação. Além de se constituir como desafio para a resiliência das mulheres e suas famílias, a conciliação dos papéis parental e de trabalhador destaca, ainda, tensões entre dois eixos identitários (Lipovetsky, 2007).

Realça-se, por último, que os achados do presente estudo questionam o entendimento dominante de que a parentalidade causa um declínio na satisfação conjugal (Silva & Figueiredo, 2005), uma vez que a escassez de tempo que o exercício da parentalidade acarreta aos Pais não inviabiliza a vivência da conjugalidade. Para Lopes e Menezes (2007), a influência da parentalidade na conjugalidade pode ser diminuída pelo impacto, muito maior, da natureza da estrutura básica da relação conjugal nas respostas a esta transição. Pese embora a atenção e disponibilidade para com o cônjuge estar diminuída, por o bebé “estar em primeiro lugar” e ser o centro das atenções, a preservação da funcionalidade conjugal é possível, dependendo, o sucesso ou o fracasso de uma relação conjugal, de nove tarefas psicológicas que os parceiros precisam desempenhar (Papalia & Olds, 2013): 1) redefinir o vínculo à família de origem; 2) construir intimidade sem comprometer a autonomia; 3) adaptar a paternidade e a maternidade garantindo a privacidade; 4) defrontar as crises sem esmorecer o laço conjugal; 5) possibilitar a expressão segura de conflitos; 6) construir um relacionamento sexual gratificante; 7) compartilhar alegria e divertimento; 8) conceder apoio emocional; e 9) garantir o romance enquanto enfrentam a realidade. Como fator pivô do declínio conjugal destaca-se o não cumprimento de expectativas acerca da divisão de tarefas domésticas e de cuidado infantil (Hidalgo & Menéndez, 2009).

## 5 Conclusões

O uso da Grounded Theory permitiu a compreensão da natureza psicossocial do fenómeno parentalidade, desenvolvendo conhecimento e teoria acerca do seu processo e estrutura, bem como dos seus emaranhados detalhes ocultos. O modelo teórico que emergiu da análise de dados retrata a complexidade do *tornar-se pai* e *tornar-se mãe* e permite fazer previsões sobre a forma como homens e mulheres reagem à paternidade/maternidade. Ao aumentar a compreensão deste fenómeno, proporciona, também, que se vislumbrem intervenções com mais probabilidades de serem efetivas nesta transição, com implicações para a prática de enfermagem com famílias, nomeadamente: a necessidade e importância de assistir à família em transição como unidade de cuidado, o que implica conhecer como cada família cuida e identificar as suas forças, fraquezas, dificuldades e esforços para partilhar responsabilidades; focar-se na individualidade de cada progenitor, promovendo, simultaneamente, a interação e a coparentalidade entre o casal; atender às crenças culturais; reforçar a relação terapêutica, de um modo mais pessoal e comprometido; integrar, nas intervenções de enfermagem, o foco “estratégias adaptativas parentais” que podem ser adotadas para diminuir o impacto da transição; reconhecer o valor dos sentimentos experienciados e desenvolver estratégias para que sejam abordados; ajudar os Pais a redefinir os seus papéis e a mãe, em particular, a aceitar a separação do filho e a integrar os seus cuidadores substitutos; ajudar a interpretar a comunicação não verbal do bebé, solidificando a vinculação e a gratificação parental; integrar o tema “saber comunicar” no planeamento da EpS; abandonar um cuidado meramente

técnico e instrumental, incorporando o meio relacional e o contexto social nas práticas de cuidar; estender os cuidados de enfermagem à família alargada, de forma a prepará-la para intervenções adequadas e contextualizadas; conceber planos de intervenção mais ajustados às reais necessidades dos Pais; e incrementar e reforçar a visita domiciliária ao longo do tempo.

De entre o universo de ações que poderão ser incrementadas, realçamos a implementação de medidas formais e informais de apoio à família, com vista a minorar as experiências de tensão dos Pais, a os dotar das competências parentais exigidas e a lhes proporcionar oportunidades de debate e reflexão sobre as suas necessidades, dúvidas e dificuldades. A participação masculina em espaços educativos deve ser fomentada e efetiva, dando voz à sua singularidade. Sugerimos, igualmente, a organização de espaços de reflexão na ação, de modo a tornar consciente as práticas desenvolvidas e a valorizar e otimizar o conhecimento em enfermagem.

Os resultados deste estudo devem ser considerados com algumas reservas. Por um lado, a análise da experiência de se tornar um pai ou uma mãe é baseada em dados colhidos com Pais que adquiriram preparação prévia para a parentalidade, através de um curso ministrado numa instituição pública de saúde. Por outro, a teoria poderia ter sido testada com uma amostra teórica mais ampla e em contextos demográficos diversificados.

## Referências

- Brasileiro, R. F., Jablonski, B., & Féres-Carneiro, T. (2002). Papéis de gênero, transição para a paternidade e a questão da tradicionalização. *Psico*, 33(2), 289-310.
- Corbin, J., & Strauss, A. (2014). *Basics of qualitative research. Techniques and procedures for developing grounded theory* (4th ed.). London: Sage Publications.
- Dessen, M. A., & Oliveira, M. R. (2013). Envolvimento paterno durante o nascimento dos filhos: Pai “real” e “ideal” na perspetiva materna. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(1), 184-192.
- Glabe, A. C., Bean, R. A., & Vira, R. (2005). A prime time for marital/relational intervention: a review of the transition to parenthood literature with treatment recommendations. *The American Journal of Family Therapy*, 33(4), 319-336. doi: 10.1080/01926180590962138.
- Hidalgo, M. V., & Menéndez, S. (2009). Apoyo a las familias durante el proceso de transición a la maternidad y la paternidad. *Familia*, 38, 133-152.
- Johnston, D., & Swanson, D. (2006). Constructing the ‘good mother’: The experience of mothering ideologies by work status. *Sex Roles*, 54(7-8), 509-519.
- Katz-Wise, S., Priess, H., & Hyde, J. (2010). Gender-role attitudes and behaviour across the transition to parenthood. *Developmental Psychology*, 46(1), 18-28. doi: 10.1037/a0017820
- Lipovetsky, G. (2007). *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Longworth, H. L., & Kingdon, C. K. (2011). Fathers in the birth room: what are they expecting and experiencing? A phenomenological study. *Midwifery*, 27(5), 588-594.
- Lopes, R. C. S., & Menezes, C. C. (2007). Relação conjugal na transição para a parentalidade: da

- gestação ao segundo ano de vida do bebê. *Psico-USF*, 12(1), 83-93.
- Meleis, A. H. (2010). *Transitions theory: middle range and situation specific theories in nursing research and practice*. New York: Springer Publishing Company.
- Meleis, A. I., Sawyer, L. M., Im, E., Messias, D. K. H., DeAnne, K. H., & Schumacher, K. (2000). *Experiencing transitions: an emerging middle-range theory*. *Advanced in Nursing Science*, 23(1), 12-28. doi: 10.1097/00012272-200009000-00006.
- Mendes, I. M. (2007). *Ajustamento materno e paterno: experiências vivenciadas pelos pais no pós-parto*. Tese de doutoramento, Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Miller, T. (2011). Falling back into gender? Men's narratives and practices around first-time fatherhood. *Sociology*, 45(6), 1094-1109.
- Narvaz, M. G., & Koller, S. H. (2006). Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. *Psicologia & Sociedade*, 18(1), 49-55.
- Ngai, F.-W., & Chan, S. C. (2011). Psychosocial factors and maternal wellbeing: An explanatory path analysis. *International Journal of Nursing Studies*, 48(6), 725-731.
- Ngai, F.-W., & Ngu, S.-F. (2013). Quality of life during the transition to parenthood in Hong Kong: a longitudinal study. *Journal of Psychosomatic Obstetrics & Gynecology*, 34(4), 157-162. doi: 10.3109/0167482X.2013.852534.
- Nichols, M. R., & Roux, G. M. (2004). Maternal perspectives on postpartum return to the workplace. *JOGNN*, 33, 463-471. doi: 10.1177/0884217504266909
- Papalia, D. E., & Olds, S. W. (2013). *Desenvolvimento humano* (12a ed.). São Paulo: Mcgraw-hill.
- Poh, H. L., Koh, S. S. L., & He, H. G. (2014). An integrative review of fathers' experiences during pregnancy and childbirth. *International nursing review*, 61(4), 543-554.
- Silva, A. I., & Figueiredo, B. (2005). Sexualidade na gravidez e após o parto. *Psiquiatria Clínica*, 25(3), 253-264.
- Spiteri, G., & Xuereb, R. B. (2012). Going back to work after childbirth: women's lived experiences. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 30(2), 201-216. doi: 10.1080/02646838.2012.693153
- Stern, D. N. (1997). *A constelação da maternidade: o panorama da psicoterapia pais/bebê*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Sutter, C., & Bucher-Maluschke, J. S. N. F. (2008). Pais que cuidam dos filhos: A vivência masculina na paternidade participativa. *Psico*, 39(1), 74-82.
- Wall, G., & Arnold, S. (2007). How involved is involved fathering? An exploration of the contemporary culture of fatherhood. *Gender and Society*, 21(4), 508-527.
- Winnicott, D. W. (2013). *Os bebês e suas mães* (4a ed.). São Paulo: Martins Fontes.